

## Apresentação ao dossiê

# Olhares Cruzados sobre a Normalização

*Diego Madi Dias*<sup>1</sup>

*Júlio Assis Simões*<sup>2</sup>

Os artigos reunidos neste dossiê têm em comum o fato de perseguirem lógicas relacionais alternativas à hegemonia da cisheterossexualidade reprodutiva, no mundo e na análise das ciências sociais. Procuram assim contribuir para uma antropologia da *normalização* e da *regulação biopolítica*, processos discutidos pela/os autora/es neste número como relativos às dinâmicas de produção da diferença e estratificação relacional envolvendo parentesco, gênero, sexualidade, corpo e saúde.

Os textos foram originalmente apresentados como ensaios para a disciplina “Antropologia da normalização: Práticas e mentalidades de regulação biopolítica”, ministrada pelos organizadores deste dossiê no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de São Paulo (USP), no primeiro semestre de 2019<sup>3</sup>. O objetivo da disciplina foi discutir uma visão crítica aos discursos antropológicos sobre a economia das trocas simbólicas, privilegiando um olhar para as lógicas relacionais e o controle da vida no contexto das sexualidades não reprodutivas e das experiências de gênero que tensionam, desafiam e extrapolam o regime micropolítico cisheterossexual vigente e hegemônico. A proposta procurou restituir o lugar da sexualidade e da dissidência como campos produtores de um “universo de regras”, questão discutida na disciplina com base em duas referências fundamentais: a etnografia de Néstor Perlongher

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Saúde, Ciclos de Vida e Sociedade da Faculdade de Saúde Pública da USP e pesquisador associado ao Laboratoire d'anthropologie sociale du Collège de France (França). Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre pelo mesmo programa e graduado em ciências sociais pela UFRJ. E-mail: diegomd@usp.br

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Antropologia da USP e pesquisador-líder do Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença (Numas) da USP. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Unicamp e graduado em ciências sociais pela USP. E-mail: juliosimoes@usp.br

<sup>3</sup> A disciplina fez parte das atividades realizadas por Diego Madi Dias no âmbito do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), junto ao PPGAS/USP, sob a supervisão de Júlio Assis Simões.

sobre os códigos de relação que organizam o negócio do desejo, a partir de sua pesquisa sobre prostituição masculina na região central de São Paulo no começo dos anos 1980 (PERLONGHER, 1987); e as reflexões esparsas de Michel Foucault sobre a amizade como um “modo de vida”, quando tratou, na mesma época, das potências da homossexualidade em fornecer uma nova gramática relacional (FOUCAULT 1981, 1982a, 1982b).

Essas duas referências matizavam e avançavam a percepção sugerida pelas descrições sociológicas e antropológicas de cenas e ambientes homossexuais masculinos nas décadas de 1960 e 1970 como um novo modelo de estilo de vida, capaz de combinar relações sexuais transitórias e uma vida social e afetiva baseada em múltiplas relações, de duração e intensidade variáveis. Conforme a síntese de Michel Pollak (1985, p. 73), o ambiente homossexual parecia prefigurar “uma vida social na qual a sexualidade é progressivamente autonomizada em relação a todas as pressões tradicionais e inserida no desenho complexo de todas as interações sociais”. No alvorecer dos anos 1980, Pollak chegou a se perguntar se os homossexuais logo viveriam em uma sociedade que não apenas os toleraria, mas também “reconheceria neles qualidades dignas de ser imitadas” (*Idem*). A trágica emergência da epidemia de HIV-Aids pareceu aniquilar essas impressões ao reativar o estigma da homossexualidade relacionado à promiscuidade, doença e morte. Em contrapartida, a “epidemia de significações” (TREICHLER, 1999) desencadeada pela Aids lançou ainda mais luz sobre as práticas e relações que constituíam a homossexualidade moderna. Além de realçar sua variedade e amplitude, deu lugar a uma série de inusitados objetos de debate público: desde o sexo anal e o sexo seguro até, mais recentemente, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, a adoção por famílias não heterossexuais e a multiparentalidade.

Assim, as questões postas por aqueles autores referenciais, longe de desaparecerem, foram reposicionadas e reatualizadas na cena contemporânea. Elas podem ser tratadas tanto como efeito do complexo de biotecnologias voltadas ao controle da reprodução, das epidemias, do sofrimento psicossocial e do manejo dos corpos — maximizando as possibilidades de materializações e performances de gênero e sexualidade na “era farmacopornográfica”, de que fala Preciado (2018) —, quanto no âmbito da reconfiguração da sexualidade como dimensão privilegiada da saúde pessoal e como direito humano, cujas múltiplas expressões e relacionalidades poderiam, em tese, aspirar à cidadania (CARRARA, 2015). Interessa ressaltar, de todo modo, a própria historicidade do processo de normalização e regulação biopolítica de corpos, gêneros e sexualidades, com suas fraturas e contradições, linhas de fuga e horizontes de transformação.

O artigo que abre nossa seleção de textos é assinado por Eduardo Fernandes. Intitulado **“Os verdadeiros serão eternos: ‘Rolê’ emo e famílias alternativas em São Paulo”**, aborda as “famílias de escolha” como um universo de relacionalidade alternativa em contextos urbanos de juventude, demonstrando o interesse de uma abordagem centrada no marcador de geração e na análise do ciclo de vida para o estudo das lógicas sociais de associação, em perspectiva antropológica e histórica. O texto reflete sobre os temas de parentesco, sexualidade e amizade a partir das relações que organizavam o *rolê emo*, frequentado pelo autor nos anos 2000. A pesquisa combinou entrevistas com integrantes das redes familiares, etnografia e a descrição *ex-post-facto*.

No segundo artigo do dossiê, **“‘Disforia’ e ‘incongruência’ de gênero: Notas sobre a gestão biomédica da(s) infância(s) e adolescência(s) ‘trans’”**, os conceitos de disforia e incongruência aparecem para pensar a incidência no ciclo de vida das técnicas modernas de normalização, problematizadas por Julia Clara de Pontes a partir de uma crítica da compreensão e da gestão biomédica da não-conformidade de gênero e parentesco. Pontes analisa o ordenamento médico na forma de manuais, diretrizes e resoluções que orientam a prática em saúde envolvendo as pessoas “trans” durante as primeiras etapas do ciclo de vida. Ela discute a relação entre as convenções médicas e ‘psi’, patologizantes, e as concepções sociais hegemônicas de gênero, argumentando que os documentos normativos atualizam algumas expectativas socioculturais quando definem categorias diagnósticas ou elaboram protocolos para a intervenção hormonal. Por isso, esses documentos podem ser vistos como legitimadores da cultura cisheterossexual, na medida em que conferem autoridade ao processo de normalização que atua no apagamento da *multidão* (PRECIADO 2011), enquadramento da diversidade nos princípios e parâmetros da hegemonia cisheterossexual.

O artigo de Michel de Oliveira Furquim, **“Danças e gêneros: Etnografia em grupo de dança com travestis e mulheres trans em São Paulo”**, destaca a noção de experiência, alinhando-se ao pensamento da “multiplicidade” e à crítica da “diferença sexual” para refletir sobre corpo e gênero na experiência das pessoas trans e no trabalho de campo em antropologia. O autor explora uma potência do método etnográfico que parece interessante para os estudos da performatividade de gênero: o trabalho de campo como experiência que exige do pesquisador negociar sua identidade e, a partir do olhar dos outros, recolocar os termos de sua autoimagem. O trabalho de campo teve para Furquim o sentido de uma experiência corporal e de movimento, por meio da dança, em

uma gramática de gênero. O autor discute o fato de essas gramáticas serem utilizadas para criar imagens verdadeiras sobre o gênero, identificadas com a “natureza”, em contraposição aos “falsos” ou “ilícitos”, identificados com a anormalidade. Dessa maneira, o texto reafirma o potencial analítico e interpretativo das margens como fonte de conhecimento sobre o processo de normalização do qual resultam.

O artigo de Marcelo Camargo, **“Haiti e HIV: Criando a história do contágio”**, aborda também a especiação e marginalização da alteridade, com ênfase no colonialismo e nos processos de formação dos Estados nacionais. O autor argumenta que o Haiti está em relação de periferia simbólica no quadro hegemônico das relações internacionais, tendo servido como repertório para os países do Norte Global em seus processos de formação. O artigo procura retrair o imaginário sobre a entrada do HIV nos EUA pelo Haiti, relacionando a epidemia de HIV com concepções de raça e desenvolvimento. Camargo discute o papel das pesquisas e dos esforços internacionais no combate ao HIV no Haiti, argumentando que o conjunto de conhecimentos que se produziu nesse contexto compõe certa narrativa histórica sobre o país.

A perspectiva histórica é aprofundada no artigo de Fabrício Sparvoli, **“A ‘amicitia’ romana entre a invenção e a normalização: Um estudo de antropologia histórica”**, que explora as representações de *amicitia*, categoria romana que corresponde, em partes, à noção de amizade na modernidade. O autor argumenta que a *amicitia* aparece no *Satyricon*, de Petrônio, ao mesmo tempo como inventiva e normalizadora: delimitando uma forma particular de “modo de vida” homossocial e indicando um processo de construção de regras. Analisando um texto ficcional e satírico do século I da Era Comum, Sparvoli revisita de maneira original a reflexão sobre amizade e homossocialidade na Idade Antiga. Ele busca demonstrar que o emprego gramatical em torno do termo *amicitia* no documento estudado exprime uma ambiguidade importante para se pensar a relação homossocial em seu desdobramento duplo de criação e controle de associações.

**“Meu pai mandou um garoto no armário para o exército e recebeu de volta um homem homossexual”: A homossexualidade nas forças armadas sul-africanas durante o ‘apartheid’ a partir de um romance**” é assinado por Phillip Williams Leite. O autor parte dos conceitos de resistência e normalização no pensamento de Foucault para analisar diferentes aspectos das relações sexuais entre homens no romance *Moffie*, de André Carl van der Merwe, ambientado na África do Sul durante o *apartheid*. O artigo discute os marcadores sociais da diferença no projeto de nação do *apartheid*, bem como o

papel das forças armadas na produção dos ideais de gênero na África do Sul. Com base em sua pesquisa envolvendo o exército sul-africano, Leite empreende uma reflexão sobre a emergência de formas sexuais e de gênero divergentes da norma.

Encerrando o dossiê, o artigo de Waleska Vigo Francisco, “**O ‘coming out’ compulsório de atletas olímpicas lésbicas**”, traz elementos interessantes para atualizar a reflexão socioantropológica sobre o *coming out*. Como mostra a autora, este deixa de estar relacionado à escolha pessoal nos dias atuais para ganhar contornos próprios à cultura contemporânea de confissão exacerbada, demonstração obrigatória da subjetividade e reiteração de si. Francisco utiliza a ideia foucaultiana de “incitação ao discurso”, presente em *A vontade de saber* (FOUCAULT, 1976), para explicar o *coming out* compulsório por que passam as atletas olímpicas lésbicas como um tipo de controle social que exige explicações e respostas da sexualidade. O artigo destaca as narrativas das próprias atletas como metodologia de trabalho, discutindo a exposição no caso de pessoas públicas como paradigmática de um processo mais amplo de visibilização do gênero e da sexualidade. Esse processo de visibilização e expressão do sujeito por meio do gênero e da sexualidade parece ter se tornado necessário na cultura e na história como constitutivo da própria identidade.

Partindo da discussão clássica sobre parentesco, problematizada pelos marcadores de gênero, geração, “raça” e sexualidade, os artigos reunidos ressaltam os deslocamentos e reposicionamentos em relação às normas estruturantes das modalidades de relação. São olhares cruzados sobre o processo normativo, na medida em que fazem dialogar, cada texto e todos em conjunto, diferentes apreensões da socialidade em torno das normas, valorizando a troca intelectual das ciências sociais com outras disciplinas, como a saúde pública, a psicologia social, a história e a educação física.

Diego Madi Dias e Júlio Assis Simões, organizadores do dossiê.

## Referências

- CARRARA, Sérgio. “Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo”. *Mana*, vol. 21, n. 2, pp. 323-345, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Histoire de la Sexualité I: La Volonté de savoir**. Paris: Éditions Gallimard, 1976.
- FOUCAULT, Michel. “De l’amitié comme mode de vie”. Entrevista com R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. *Gai Pied*, n. 25, pp. 38-39, 1981.
- FOUCAULT, Michel. “Sexual Choice, Sexual Act”. Entrevista com J. O’Higgins. *Salmagundi*, n. 58-59, pp. 10-24, 1982a.
- FOUCAULT, Michel. “The Social Triumph of the Sexual Will”. Entrevista com G. Barbedette. *Christopher Street*, vol. 6, n. 4, pp. 36-41, 1982b.
- PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008[1987].
- POLLAK, Michel. “A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto?”. *In*: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (orgs). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 54-76.
- PRECIADO, Paul B. “Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’”. *Estudos Feministas*, vol. 19, n. 1, pp. 312, 2011.
- PRECIADO, Paul B. **Testo junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- TREICHLER, Paula A. “Aids, Homophobia, and Biomedical Discourse: An Epidemic of Signification”. *In*: PARKER, Richard; AGGLETON, Peter (orgs). **Culture, Society and Sexuality**. Londres: UCL Press, 1999, pp. 357-386.

Recebido em: 14/06/2021  
Aprovado em: 16/06/2021